

Ano-Fim

Chegamos ao final de 2016. Um ano difícil para a educação brasileira, atacada por um conjunto de “reformas” pautadas por um modelo educacional homogeneizante. Modelo esse formador de cabeças “flexíveis”, mãos “adaptáveis” e corações “frios”. Ano em que salários atrasados e/ou sem reajuste bem como cortes de investimentos e vagas estiveram no cotidiano de estudantes, professoras e professores da educação básica e do ensino superior. Período de disputas ideológicas, com pessoas defendendo práticas e ideias educacionais autoritárias e espalhando pseudo-verdades escondidas sob o véu da proteção dos direitos. Tempo de horror diante da barbárie que apresenta novas caras para antigos projetos totalitários.

Reforça-se, então, a necessidade de não olvidarmos da intensa luta em prol de um projeto de educação libertadora e crítica em oposição a um projeto massificante que fomenta a desigualdade. Cabe-nos preservarmos a *Bildung* em uma sociedade do simplismo, enfrentarmos com criatividade as imposições de uma sociedade programada e propormos novos sonhos para uma sociedade que se sente perdida.

No campo da pesquisa em educação, podemos oferecer respostas às questões desta sociedade, subsídios para novos projetos políticos possíveis e provocações às pseudo-verdades messiânicas das “reformas”, “medidas” e “projetos de lei”. Resta-nos perguntarmos se e como nossas pesquisas mantêm esse caráter crítico e transformador e se estamos conseguindo fazê-las chegar aos lugares onde elas podem promover o impacto necessário na educação brasileira.

No microcosmo desta revista, atuamos com grande esforço diante dos constantes e crescentes desafios da divulgação científica, imbuídos desse espírito de luta e diálogo. É o que queremos deixar marcado neste espaço, no qual apresentamos a edição que encerra o ano de 2016.

Neste número, optamos por publicar uma quantidade menor de artigos recebidos em fluxo contínuo, visto que estamos, simultaneamente, lançando uma edição especial com 21 textos em um dossiê sobre Educação Especial na Perspectiva da Inclusão. Falando em dossiês, para 2017, já temos três em andamento, com os temas “Investigações sobre as práticas de ensino de C&T”, “A experiência no mundo digital e Nexos teóricos críticos sobre formação e autoritarismo” e “Pensando a educação 500 anos após Wittenberg”.

Nesta edição, apresentamos nove artigos de autores oriundos de cinco estados brasileiros (SP, PR, SC, RS, CE), nas áreas de formação de professores, educação especial, história, filosofia e política educacionais e educação física.

Priscylla Dias, Ailton Barcelos da Costa, Sofia Natasha Dias Andrade, Maria Amélia Almeida e Rosimeire Maria Orlando entrevistaram sujeitos com cegueira adquirida que reingressaram na escola. No artigo “Reinserção da pessoa com cegueira adquirida no sistema escolar”, os autores mapeiam desafios e condições dessa reinserção, no que diz respeito à formação docente e estratégias educacionais, bem como trazem à luz os desafios intrínsecos à própria pesquisa com esses sujeitos.

Rogério de Almeida, Fabiana Tavoraro Maiorino e Simone de Oliveira Camillo propõem, no texto “Alegorias do contemporâneo: um diálogo entre Cosmopolis e Holy Motors” uma análise de duas películas que o cinema recente produziu, pensando-as como “alegorias do presente por meio da hipotipose futura”. Sua análise aponta para, em uma sociedade niilista, uma educação que não conseguirá mais voltar ao modelo iluminista, mas que poderá celebrar a vida (e sua efemeridade) e afirmá-la amorosamente.

Rogério Antonio da Silva e Rosilene Batista de Oliveira fazem um exercício histórico para compreender o ensino de Contabilidade no Brasil. Em seu artigo “A história da disciplina de Contabilidade Pública no ensino contábil brasileiro: das Aulas do Comércio (1808) ao ensino superior (1945)”, os autores destacam as características do ensino contábil em dois momentos históricos específicos.

Iêda Viana direciona seu olhar para a materialidade dos espaços escolares na capital paranaense em seu artigo “A rede municipal de ensino de Curitiba e suas relações com o processo de urbanização: a materialidade do espaço escolar”. No texto, a autora propõe elementos para compreendermos o modo como políticas municipais do período entre 1960 e 1980 se articularam com programas educacionais no contexto de crescente urbanização da cidade.

Francisco Glauco Gomes Bastos, Jean Custódio de Lima e Dagoberto Buim Arena escreveram para esta edição o artigo “Português para estrangeiros: a interferência da interlíngua na escrita de alunos hispano-americanos: um estudo de caso”. Por meio da Análise Contrastiva de Erros dos textos dos alunos estrangeiros que estudam português em uma turma da UFC, os autores destacam possibilidades de mudanças nas práticas de ensino de Português como língua estrangeira a partir de maior conscientização dos erros pelos alunos e de como a interlíngua pode, se não ser eliminada, pelo menos estar cada vez mais próxima da língua de um escritor nativo.

Giovanna Tereza Abreu de Oliveira e Roseli Pacheco Schnetzler direcionam seus olhares para a formação do professor de educação física, especialmente na relação entre saberes acadêmicos e saberes do cotidiano. No artigo “Marcos e marcas da formação e do desenvolvimento docente em educação física”, as autoras mostram, entre outras coisas, como formadores e alunos (futuros professores) estão (ainda) marcados por uma tendência biológica e esportiva de educação física. Não obstante, os sujeitos investigados também apontam para práticas que consideram a formação para o desenvolvimento da sociedade e o aprofundamento de valores.

Ana Cardoso também traz um artigo que tem seu *locus* na formação de professores de educação física. Em seu texto “PIBID na formação de professores de educação física: expectativa e realidade”, a autora busca compreender quais são as motivações de alunos do

curso de licenciatura em educação física da UNESCO que são bolsistas do PIBID para participarem do programa. A remuneração e a formação foram os principais elementos apontados pelos alunos, bem como foi de grande relevância a articulação entre teoria e prática. As respostas também ofereceram um diagnóstico de como o programa atingiu, no contexto analisado, o objetivo de integrar educação superior e educação básica.

Concluimos a edição com dois ensaios. Elaine Conte e Antonio Carlos Basegio propõem uma reflexão a respeito da linguagem hipertextual e de suas potencialidades. No texto “Metáforas à construção do hipertexto no cenário educacional”, os autores partem de uma análise hermenêutica para compreenderem a *metáfora viva* que o hipertexto pode se tornar ao se relacionar com a prática educativa, marcando a indissociabilidade entre ensinar e aprender. Propõem, assim, uma educação colaborativa, transformadora e renovadora da cultura a partir do jogo dialógico do hipertexto.

Bruno Pucci, no texto “O privilégio da experiência filosófica no processo educacional”, parte do aforismo “O privilégio da experiência”, de Theodor Adorno para elaborar uma reflexão sobre formação, cultura e educação na contemporaneidade. O autor propõe pensarmos na valorização da experiência filosófica diante de uma sociedade administrada, a responsabilidade ética dos sujeitos que vivenciam essa experiência bem como a necessidade de uma dialética transformada, que valorize tanto o outro negado quanto o sujeito, para se encontrar a verdade do objeto e realizar experiências formativas.

Desejamos a todos uma boa leitura. E que 2017 seja um ano de força e resistência diante do legado deixado por 2016.

Thiago Borges de Aguiar
Editor